



Pequena semiótica da memória

Mariana Luz Pessoa de Barros*

Resumo: A partir das contribuições da gramática tensiva, proposta por Jacques Fontanille e Claude Zilberberg, o artigo examina a produtividade das noções de *campo de presença* e *acontecimento* para o estudo dos discursos autobiográficos. Com essa finalidade, observa os possíveis entrelaçamentos entre memória e percepção em *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago, e retoma as noções de memória do acontecido e memória-acontecimento, desenvolvidas em trabalhos anteriores, para explicar as gradações do impacto da obra sobre o enunciatário (leitor pressuposto). Enquanto a memória do acontecido privilegia a legibilidade do texto, produzindo sobre o enunciatário o efeito de distanciamento e conforto; a memória-acontecimento captura-o por meio do impacto.

Palavras-chave: gramática tensiva; campo de presença; memória; discurso autobiográfico.

Irineu Funes, após uma queda do cavalo, acordou com uma percepção e uma memória prodigiosas. Nenhum detalhe lhe passava despercebido, assim como nenhum pormenor do passado, tanto remoto quanto recente, era apagado de suas lembranças. Aquilo que parecia inicialmente uma dádiva – “percepção e memória [...] infalíveis” – logo se revelou a pior de todas as prisões. O presente se tornou “quase intolerável de tão rico e tão nítido” e o passado, um abarrotado de lembranças minuciosas e multiformes, pois “não só recordava cada folha de cada árvore de cada monte, como cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado” (Borges, 1999 [1944], p. 543-544).

Ao criar esse estranho personagem, Borges aproxima memória e percepção, apontando alguns de seus entrelaçamentos diversos. Retemos em nossa memória aquilo que foi marcante, ou *percebido* de forma viva, já que não guardamos – à exceção de Funes – a totalidade do passado. No caso do nosso personagem, uma vez que tudo é percebido com intensidade, é a integralidade dos eventos pretéritos que permanece em sua memória, e, como sua atenção se volta a cada mínimo detalhe, Funes é incapaz de generalizações. Outro aspecto de sua memória que também remete à percepção é que as imagens visuais que formam suas lembranças são sempre acompanhadas por sensações corporais, como sensações térmicas, musculares etc. De diferentes formas, Borges revela-nos não a semelhança entre memória e percepção, mas sua indissociabilidade:

DOI: 1980-4016.esse.2019.155057

* Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Endereço para correspondência: (maluzpessoa@hotmail.com).

Nós, de uma olhadela, percebemos três taças em uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutas que compreende uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernado em couro que vira somente uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no Rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, já tinha requerido um dia inteiro. Disse-me: “Mais recordações tenho eu sozinho que as que tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo”. E também: “Meus sonhos são como a vigília de vocês”. E, igualmente, próximo ao amanhecer: “Minha memória, senhor, é como despejamento de lixos”. (Borges, 1999 [1944], p. 543-544)

Logo, não são simplesmente os fatos do passado que retornam – ainda que sob a forma da reinvenção –, mas a lembrança de estar *corporalmente presente* nesse passado, as percepções experimentadas no/do que se acredita ter sido esse outro tempo. Parece-nos, portanto, crucial, num estudo dedicado à discursivização da memória, partir do conceito de *presença*. Assim, neste artigo, procuraremos recuperar, de forma breve, o percurso teórico e metodológico percorrido pela noção de *presença* na semiótica de origem greimasiana, para, em seguida, propormos alguns caminhos para o exame da memória em textos autobiográficos. Para isso, teremos em mãos *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago. Publicado aos 84 anos do escritor, o livro traz um narrador adulto que recorda experiências vividas ao longo de seus primeiros quinze anos, como o dia em que começou a ter medo de cachorros, as primeiras incursões sexuais, a visitas aos avós, as sessões de cinema, a origem de algumas cicatrizes, as leituras, as pescarias, as primeiras escolas, a morte do irmão, entre outras. Entre a busca por compreender suas fontes e a invasão sensível das reminiscências, o narrador reconstrói o que acredita ter sido o seu passado. Não pretendemos examinar essa obra de forma exaustiva, nosso interesse é depreender as questões que ela suscita a respeito das relações entre memória e presença.

1 O devir da *presença*

Começamos a breve investigação acerca do percurso da noção de *presença* pelo *Dicionário de Semiótica* (2008), cuja primeira edição, em língua francesa, data de 1979. Essa obra representou, naquele momento, um esforço de fornecer um balanço da semiótica, entendida como um projeto coletivo e em andamento, e de apresentá-la como uma teoria coerente. Em relação à *presença*, interessa-nos a seguinte definição:

2. Na perspectiva semiótica, a presença (o “estar aí”) será considerada como uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto do sujeito cognitivo. Tal aceção, essencialmente operatória, estabelecida no quadro teórico da relação transitiva entre o sujeito do conhecimento e o objeto cognoscível, é muito ampla: estão presentes, neste caso, todos os objetos de saber possíveis e a presença identifica-se, em parte, com a noção de existência semiótica. (Greimas; Courtés, 2008 [1979], p. 382-383)

Em seguida, os autores do *Dicionário* afirmam que a oposição que forma a categoria *presença/ausência* surge como uma possibilidade de distinção de dois modos da existência semiótica: a existência virtual (*in absentia*), que caracteriza o eixo paradigmático; e a existência atual (*in praesentia*), que caracteriza o eixo sintagmático. Depreende-se daí que a *presença* é compreendida inicialmente de forma *categorial* e ainda como a base da noção de existência semiótica, pois existe aquilo que está presente (“está aí”) para um *sujeito*, o que já permite entrever a herança fenomenológica da semiótica, embora aqui a presença esteja relacionada exclusivamente a um objeto de *saber* para um *sujeito cognitivo*.

O *Dictionnaire raisonné de théorie du langage II* (1986), publicado 7 anos depois e com a colaboração de um número grande de semioticistas, traz algumas novas considerações sobre essa noção. O verbete “presença” é iniciado com a constatação de que a categoria *presença/ausência* pode ser definida como o resultado, no nível discursivo, da conversão da relação de junção que se encontra no nível narrativo. O sujeito da relação de estado transforma-se em um ator localizado no espaço e no tempo, sendo que a mesma alteração também ocorre com o objeto. Desse modo, o par *presença/ausência* passaria a subsumir as categorias *coincidência/não-coincidência* (espaço) e *concomitância/não-concomitância* (tempo), estabelecendo um espaço cognitivo: “o espaço em questão é também um tempo, para o qual a não-coincidência pode ser o esquecimento” (Greimas; Courtés, 1986, p. 176. Tradução nossa)¹.

Na sequência, afirma-se que a categoria da presença seria o suporte para a aspectualização e a tensividade instaladas sobre a dimensão cognitiva, e ainda que a oposição presença/ausência poderia ser categorial ou gradual. Como oposição gradual, seria responsável por regular a relação entre sujeitos e objetos: sobre dois objetos recairiam graus de presença distintos, no caso de haver uma seleção por parte do sujeito; ou os dois objetos poderiam estar copresentes, no caso de haver a não-seleção. Logo, nessa segunda acepção, ainda que não se fale explicitamente de um sujeito da percepção, nota-se uma aproximação maior em relação às questões fenomenológicas, uma vez que a presença é entendida como também gradativa (e não apenas categorial), e como algo que assume diferentes densidades, dadas pela variação na relação que se estabelece entre os sujeitos e os objetos. Chama a atenção também a aproximação que se faz entre a presença e a dêixis na reflexão acerca do “espaço cognitivo”, que parece já ter muito em comum com a noção de campo de presença, largamente empregada nas pesquisas atuais da área. Especialmente sugestões como a de considerar a não-coincidência uma forma de esquecimento apontam para isso.

É, no entanto, em *Tensão e significação* (2001 [1998]), que encontramos uma das propostas mais sólidas para um tratamento semiótico da percepção, como resposta às preocupações teóricas de toda uma geração de pesquisadores. Ao retomarem a ideia de existência semiótica como presença, que aparece desde o *Dicionário de semiótica* (2008 [1979]), Fontanille e Zilberberg propõem o reconhecimento da base perceptiva da significação:

Mas haveria que dar um passo a mais e reconhecer, em tal relação cognitiva, a base perceptiva da apreensão de toda significação. Consideradas como parte integrante

¹ “[...] l’espace en question est aussi un temps, pour lequel la non-coïncidence peut être l’oubli!”.

de uma configuração perceptiva que seria constitutiva tanto da semiose quanto da enunciação, a ausência e a presença, logicamente anteriores à categorização, prefiguram contudo, como veremos, o aparecimento desta última (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001[1998], p. 124).

Os autores herdam de Merleau-Ponty a noção de *campo de presença* e ainda de presença como uma operação por meio da qual, segundo o filósofo, os entes sensíveis se destacam do ser e depois retornam a ele. Partindo desse fundamento fenomenológico, na semiótica, a presença é concebida como o primeiro modo de existência da significação, a ser definido em termos dêiticos, com base num presente linguístico. Cada uma das três dimensões da dêixis (actancial, temporal e espacial) é reinterpretada como categoria sensível que contribui para determinar o *campo de presença*, ou seja, o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção. Conforme mostram os autores,

o campo de presença será determinado, do ponto de vista morfológico, de um lado pelo centro dêitico que lhe serve de referente, e do outro pelos horizontes de aparecimento e desaparecimento que constituem suas primeiras modalizações e aspectualizações. A profundidade espaço-temporal proporciona à presença um *dever* e uma *extensão*; ela permite além disso, na medida em que é sempre passível de se contrair ou se estender, de recuar ou avançar os horizontes, uma perspectivização da presença ou da ausência, uma em relação à outra, de sorte que o campo de presença aparece como *modulado*, mais do que recortado, por diversas combinações de ausência e presença, isto é, por correlações de gradientes da presença e da ausência (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 129).

Se a construção do campo de presença depende de um centro dêitico, bem como de horizontes de aparecimento e desaparecimento de grandezas, a presença só pode ser compreendida como copresença de um sujeito (um *eu* sensível) e de um objeto. Nesse sentido, o campo será determinado pela correlação entre a intensidade do ato perceptivo e a extensão dos objetos percebidos².

A maior ou menor tonicidade da tensão entre os sujeitos e os objetos será operada pelo foco, enquanto a delimitação da extensão do campo (mais aberto ou mais fechado) será operada pela apreensão. Como mostram Fontanille e Zilberberg, focalizar é “selecionar numa determinada extensão aberta a zona em que se exercerá a percepção mais intensa”, ao passo que apreender é “fazer coincidir a extensão de um domínio fechado com o campo em que se exerce a intensidade ótima da percepção” (2001 [1998], p. 130). Logo, são os gradientes do foco e da apreensão que articulam a categoria presença/ausência, conforme mostra o quadro a seguir (Cf. Tabela 1):

²A intensidade concernente ao sensível, aos “estados de alma”, qualifica a força com que somos afetados pelas grandezas que penetram nosso campo de presença, ao passo que a extensão, reguladora do inteligível, dos “estados de coisas”, diz respeito à extensão temporal e espacial do campo (Fontanille; Zilberberg, 2011 [1998]).

	FOCO TÔNICO	FOCO ÁTONO
APREENSÃO TÔNICA	Plenitude	Inanidade
APREENSÃO ÁTONA	Falta	Vacuidade

Tabela 1: Gradientes da categoria presença/ausência. Fonte: Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 131.

As modulações da presença e da ausência conduzem à modalização existencial, uma vez que, como mostram os autores, a plenitude é *realizante*, a falta é *atuante*, a vacuidade é *virtualizante* e a inanidade é *potencializante*. Desse modo, a plenitude e a falta compõem a dêixis da presença, enquanto a vacuidade e a inanidade, a da ausência. Duas sintaxes canônicas decorrem dessas modalizações: uma que diz respeito à entrada de uma grandeza no campo de presença e, assim, a um ganho de densidade existencial (passagem da vacuidade, à falta e à plenitude) e a outra que concerne à saída de uma grandeza do campo de presença e, assim, a uma redução da densidade existencial (passagem da plenitude, à inanidade e à vacuidade).

Para evitar a ameaça da perda de sentido, o “eu” semiótico esforça-se por tornar o espaço tensivo habitável ou ainda por equilibrar os modos de existência; para isso, procura afastar-se dos extremos da presença excessiva do *mundo natural* (“o pleno da expressão, a plenitude sensível das tensões”) ou da ausência excessiva do mundo interior (“a ausência de conteúdo”, a ausência de articulações), uma vez que a significação se desenvolve no intervalo entre eles, conforme lemos a seguir:

Entre esses dois extremos, a significação se nutre de todos os graus de modulação recíproca da presença e da ausência. A generalização da complexidade que propusimos leva a pensar que a existência semiótica assenta, afinal de contas, na busca de um equilíbrio tensivo entre os diferentes modos de existência (a potencialização, a virtualização, a atualização e a realização), que organizam o campo perceptivo e, transitando através do percurso gerativo, condicionam a própria semiose discursiva. Mas o compromisso sensível em que se alicerçam os universos de sentido está sempre ameaçado pelo não-sentido, que espreita nas duas extremidades do gradiente da presença. (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1998], p. 133)

É justamente esse equilíbrio tênue que Funes parece ter perdido ao adquirir percepção e memória infalíveis. Soterrado por um mundo numeroso demais, ao qual não consegue atribuir sentido e do qual não consegue “distrair-se”, Funes procura estratégias de regulação desse excesso, como reduzir suas lembranças a cifras, o que se revela inútil e interminável, ou ainda se imaginar num fundo de rio, embalado e anulado pela corrente, como que buscando o esquecimento. É como se o foco e a apreensão tivessem atingido graus superlativos, tornando impossível a reorganização interna do sujeito, ou ainda, a perspectivação do mundo, que insere grandezas (lembranças, imagens etc.) em densidades variadas de presença. Assim, apesar de possuir habilidades sobre-humanas, parece que Funes “não era muito capaz de pensar” (Borges, 1999 [1944], p. 545), conforme suspeita o narrador do conto.

2 As gradações da memória

Com base nas reflexões tecidas em torno da noção de campo de presença e ainda de modos de existência semiótica, passamos agora à observação da construção dos discursos autobiográficos, entendidos neste trabalho como aqueles em que se produz, por recursos diversos que aqui não serão explorados, o efeito de identificação entre enunciador e narrador; narrador e ator central do narrado; e ator central do narrado e enunciador³. Assim, encontramos nas autobiografias esses três “eus” que percebem o mundo em maior ou menor conformidade, sendo que cada um ocupa o centro dêitico de seu próprio campo de presença⁴.

Para dar conta da relação entre esses sujeitos e as grandezas que adentram seus campos de presença, recuperaremos brevemente a noção de acontecimento, conforme foi desenvolvida por Claude Zilberberg em diversos artigos e livros publicados após *Tensão e significação* (2001 [1998]). Ainda que o conceito não seja novo nas ciências humanas, ganhou centralidade na semiótica com as propostas do autor. Zilberberg concebe o acontecimento como aquilo que arrebatou ou ainda que choca o sujeito, é a “[...] *realização súbita e extática do irrealizável*” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 176). A partir dessa definição inicial, coloca a seguinte questão: “[...] quais são as dinâmicas intensivas (andamento e tonicidade) e as dinâmicas extensivas (temporalidade e espacialidade) que o acontecimento faz, por assim dizer, *vibrar*?” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 169).

Uma vez que o acontecimento diz respeito à entrada de uma grandeza no campo de presença antes que o sujeito possa prever sua chegada, só pode ser vivido, no que concerne ao andamento, como algo extremamente acelerado. Além disso, o sujeito é tomado pelo acontecimento, ou seja, afetado de forma tão intensa que, de início, não consegue compreender o que ocorreu, o que significa que o acontecimento é absolutamente tônico. É o que nos explica Zilberberg:

No âmbito da intensidade, como já dissemos, o andamento e a tonicidade agem em comum acordo, transtornam o sujeito, o que significa que o duplo acréscimo de andamento e de tonicidade, que sobrevém de improviso, se traduz de imediato para o sujeito por sua desorientação modal e, em seguida, por um *déficit* daquilo que denominamos sua atitude. A tonicidade não afeta apenas uma “parte” do sujeito, mas sua integralidade. (Zilberberg, 2011 [2006], p. 171)

O sujeito *sofre* o acontecimento, perdendo momentaneamente qualquer possibilidade de ação. Assim, pego pelo susto, esse sujeito estupefato passa por um instante de perda de sua competência modal – e é nesse sentido que se pode

³Para Lejeune (1996), a relação de identidade entre autor e narrador, narrador e personagem central, personagem central e autor é um dos elementos que fundam o pacto autobiográfico. De fato, essa parece ser a forma mais recorrente dos textos autobiográficos, embora nossa hipótese é que seja necessário apenas o efeito de identificação entre enunciador e ator central do narrado para que um texto seja reconhecido como autobiográfico. Isso já está, de algum modo, previsto em Genette (1991), que fala de autobiografia como discurso homodiegético não ficcional, em que há identidade entre autor, narrador e personagem, mas traz a possibilidade também da autobiografia heterodiegética, na qual a identidade se estabelece apenas entre autor e personagem. No entanto, não aprofundaremos essas reflexões neste artigo.

⁴É importante fazer a ressalva de que nem todas as autobiografias projetam o ator central por meio de um “eu”, há aquelas que, utilizando-se do recurso da embreagem, apagam as marcas que produzem efeito de subjetividade e utilizam a terceira pessoa do singular, por exemplo.

afirmar que “[...] o acontecimento pode ser considerado ao mesmo tempo a medida e a derrota do sujeito” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 169).

Enquanto do lado da intensidade, do sensível, temos tonificação e aceleração, do lado da extensidade, do inteligível, ocorre a aniquilação da temporalidade e a oclusão da espacialidade. O impacto do acontecimento corresponde a uma experiência de abreviação extrema da temporalidade ou ainda de sua suspensão, pois é interrompida a oscilação entre tempos breves e longos; algo semelhante se passa com a espacialidade, que se torna oclusiva, paralisante, uma vez que o fechado não mais se alterna com o aberto. O sujeito, dominado pelo sensível, fica desorientado. Só recupera algum controle da situação quando o acontecimento perde densidade de presença, passando da realização para a potencialização, o que corresponde à redução da tonicidade (da força do impacto) e à desaceleração, conforme lemos a seguir:

Assim, por sua própria natureza, a sintaxe tensiva é reparadora e compensadora: figura do inesperado, o acontecimento não poderia seriamente ser *visado*, ou seja antecipado. Dito de modo familiar: *quando a coisa acontece, já é tarde demais!* O acontecimento não pode ser apreendido senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo longo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente, na memória, depois, com o tempo na história, de maneira que, grosso modo, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza. (Zilberberg, 2011 [2006], p. 169)

Conforme mostra Zilberberg, em “Louvando o acontecimento” (2007), o termo correlato do *acontecimento* é o *exercício*, que se configura pela intensidade baixa e a extensidade alongada. É essa articulação tensiva que ocorre quando uma grandeza, que já estava prevista pelo sujeito, entra em seu campo de presença. Essa chegada é percebida como lenta e átona. O sujeito do exercício está, portanto, preparado, o que lhe permite compreender o ocorrido a partir do inteligível.

O autor qualifica tanto o acontecimento quanto o exercício a partir dos modos de *eficiência*, *existência* e *junção*. Os *modos de eficiência* são entendidos como a maneira pela qual uma grandeza se instala num *campo de presença*. O acontecimento, por surgir no campo de presença sem nenhuma espera, abruptamente, corresponde à modalidade do *sobrevir*, enquanto o *exercício*, que ocorre segundo a vontade e os planos do sujeito, corresponde ao *pervir* (“parvenir”: conseguir, chegar a). É importante mencionar que o *sobrevir* e o *pervir* são regidos pelo andamento. Quanto aos *modos de junção*, que dizem respeito à “condição de *coesão* pela qual um dado, sistemático ou não, é afirmado” (Zilberberg, 2007, p. 23), o acontecimento, que realiza o irrealizável, aquilo que não poderia acontecer, mas acontece, funciona segundo o modo da concessão (embora *a*, no entanto *b*). É próprio do acontecimento subverter a causalidade postulada pela implicação (se *a*, então *b*), que é a lógica do *exercício*.

Por fim, chegamos aos *modos de existência*, já comentados anteriormente. Para tratar desse ponto, Zilberberg recupera o par foco (focalização) e apreensão. A irrupção de uma grandeza num campo de presença faz com que o sujeito não apenas apreenda o acontecimento, mas também seja apreendido por ele, como sujeito que *sofre* seus efeitos. Esse sujeito, conforme a tonicidade e a aceleração

são reduzidas, passa a ser um sujeito marcado pelo que lhe aconteceu. Logo, o acontecimento, perdendo densidade de presença, passa ao modo da potencialização, integrando a memória do sujeito, e é o aumento da apreensão e a redução do foco que efetua essa mudança. Já o exercício está relacionado à focalização ou ainda à tonificação da focalização, responsável por fazer a passagem da atualização para a realização, uma vez que, nesse caso, a grandeza já está no horizonte perceptivo do sujeito, que acompanha seu *processo* de entrada no campo de presença. Ao empreender essa qualificação do acontecimento e do exercício, Zilberberg mostra que o acontecimento integra o sobrevir, a concessão e a apreensão, ao passo que o exercício articula o pervir, a implicação e a focalização.

Podemos agora retornar aos textos autobiográficos. Iniciaremos pela observação do ator do narrado: esse “eu” instalado num *lá* e num *então*, por meio de debreagens enuncivas de tempo e de espaço (Fiorin, 2006). Na passagem de *As pequenas memórias* (2006) apresentada a seguir, encontramos o menino Zezito, como lhe chamava a família, às voltas com a palavra “sacerdote”.

Na verdade, eu também tive os meus toques de dislexia, ou algo que se lhe parecia, não foi só o Leandro. Por exemplo, embirrei que a palavra sacerdote deveria ler-se saquerdote, mas como, ao mesmo tempo, suspeitava que devia estar enganado, se a tinha de pronunciar (tratando-se de termo tão “erudito” esses casos não devem ter sido muitos, ainda que menos seriam hoje, quando os sacerdotes são tão poucos), arranjava-me de maneira a que se percebesse mal o que dizia para que não tivessem de corrigir-me. Devo ter sido eu quem inventou o benefício da dúvida. Ao cabo de algum tempo consegui resolver a dificuldade com os meus próprios meios e a palavra passou a sair-me direitinha da boca. (Saramago, 2006, p. 50)

A criança, nesse trecho, interage com o mundo a partir da lógica do exercício. Apesar da dificuldade em dominar a palavra “sacerdote”, com seus próprios meios, como diz o texto, consegue resolver o problema. O funcionamento aqui é implicativo: se o menino Zezito possui as competências modais necessárias, logo, o esperado é que consiga enfrentar a situação. A solução, fruto de sua vontade, é algo, portanto, que entra em seu campo de presença de forma lenta e átona, pois já estava prevista. Além disso, o campo está aberto, no sentido em que o sujeito – no caso a criança – “enxerga” longe, pois percebe a resolução se formando antes mesmo de sua chegada. Não são, nesse caso, puladas etapas do processo: primeiro ocorre a atualização, que diz respeito à percepção da *falta* do objeto para, em seguida, passar-se à *plenitude* da realização.

Entretanto, encontramos também na obra de Saramago as valências paroxís-ticas da intensidade. Quando tinha em torno de 15 anos, o adolescente José voltando, à noite e sozinho, de um povoado vizinho à Azinhaga, viveu uma experiência de alumbramento.

Uma lua cheia, menos resplandecente que a outra, iluminava tudo ao redor. Antes do ponto em que teria de abandonar a estrada para meter a corta-mato, o caminho estreito por onde ia pareceu terminar de repente, esconder-se atrás de um valado alto, e mostrou-me, como a impedir o passo, uma árvore isolada, alta, escuríssima no primeiro momento contra a transparência noturna do céu. De súbito, porém, soprou uma brisa rápida. Arrepiou os caules tenros das ervas, fez estremecer as navalhas verdes dos canaviais e ondular as águas pardas de um charco. Como uma onda, soergueu as ramagens estendidas da árvore, subiu-lhe pelo tronco murmurando, e

então, de golpe, as folhas viraram para a lua a face escondida e toda a faia (era uma faia) se cobriu de branco até à cima mais alta. Foi um instante, nada mais que um instante, mas a lembrança dele durará o que a minha vida tiver de durar. (Saramago, 2006, p. 19-20)

É possível reconhecer a suspensão do tempo e a oclusão espacial, respectivamente, na afirmação de que a experiência durou “um instante” e na descrição minuciosa de uma pequena cena fechada, responsável por convocar todos os sentidos do rapaz. Logo, o sujeito parece ter perdido de vista o que estaria em volta desse quadro, foi apreendido por aquilo que apareceu “de repente”, “de súbito”, o que confirma a entrada acelerada do acontecimento em seu campo de presença. É importante notar que não programou essa experiência. Pelo contrário, como lemos no trecho selecionado, sentiu que foi impedido de continuar seu caminho e, de certa forma, empurrado para o acontecimento. O impacto foi de tal modo tônico que ganhou duração na memória, por meio da potencialização. Após a experiência marcante, o rapaz acabou adormecendo no meio do caminho e, ao despertar, já não era mais o mesmo:

Quando despertei, na primeira claridade da manhã, e sai, esfregando os olhos, para a neblina luminosa que mal deixava ver os campos ao redor, senti dentro de mim, se bem recorde, se não o estou a inventar agora, que tinha, finalmente, acabado de nascer. Já era hora. (Saramago, 2006, p. 20)

Acontecimentos dessa ordem são raros, inclusive no livro de Saramago. O que encontramos com maior frequência são elevações mais modestas da intensidade, surpresas brandas, que rompem expectativas, mas não provocam renascimentos. São esses pequenos acontecimentos que constituem boa parte de *As pequenas memórias* (2006).

Do ponto de vista do narrador, que relembra e relata o seu passado a partir do *aqui e agora* da narração, ocorre algo semelhante, embora nem tudo o que foi vivido como acontecimento pelo menino apareça também para o narrador como tal. É o caso do excerto, já comentado, que traz um dos momentos de maior impacto para o adolescente, esse “eu” do passado. O narrador não se mostra como alguém que *revive* aquele acontecimento, mas que o relata mantendo certa distância, como confirmam os verbos no pretérito perfeito 2 e no pretérito imperfeito, tempos próprios do sistema enuncivo (Fiorin, 1996), bem como a postura avaliativa, entre outros elementos. Logo, estamos diante de uma parte do livro em que o narrador mantém grande distinção em relação ao adolescente que foi.

Há passagens em que essa distinção é ainda maior, como quando, por meio de duas embreagens, o “eu” do passado é substituído por “a criança”, enquanto o “eu” do narrador no presente é substituído por “o adulto”. Utilizando-se desse recurso, o narrador realiza uma comparação entre a percepção de mundo da criança e a do adulto, mostrando a distância, quase intransponível, que as separa. Enquanto o adulto está preso a um discurso mais reificado, das formas fixas e esvaziadas de sentido, à criança interessa aquilo que pode “tocar”, ou seja, que a afeta de maneira sensível.

A criança que eu fui não *viu* a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que

o foi, *estava* simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, não dizia nem pensava, por estas ou outras palavras: “Que bela paisagem, que magnífico panorama, que deslumbrante ponto de vista!” [...] há que dizer que a sua atenção [da criança] sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo que também se lhe oferecesse como algo, sem disso ter consciência, urgia compreender e incorporar ao espírito (escusado lembrar que a criança não sabia que levava dentro de si semelhante joia). (Saramago, 2006, p. 13)

Nossa hipótese é que quanto maior o afastamento entre o narrador e o menino que foi, mais a relação entre narrador e memória se aproxima da lógica do exercício. Nessas situações, o passado é reconstruído e analisado com certo distanciamento, não afeta, portanto, o corpo do narrador com sensações novas ou antigas trazidas pelas reminiscências⁵. Já a aproximação entre o narrador e o menino, ou seja, entre o “eu” da narração e o “eu” do narrado, produz uma inclinação para o acontecimento, como vemos a seguir:

Tinham vista para o castelo, daí me vem a lembrança dos tiros de artilharia que, disparados lá de cima, nos passavam assobiando, sobre o telhado. (Saramago, 2006, p. 51)

Nesse trecho, o narrador conta que “as traseiras” da casa em que morou tinham vista para o castelo, o que faz com que se recorde dos tiros de artilharia. Nota-se que é a lembrança que lhe “vem”, convocada por uma lembrança anterior. Não é o narrador, sujeito da ação que a faz ressurgir, pelo contrário, ele *sofre* a reminiscência, que entra em seu campo de presença sem qualquer aviso. Os tiros, responsáveis pela interrupção da descrição que vinha fazendo, chegam acompanhados por aspectos sensoriais, como o assobio. A afetividade do narrador volta-se, portanto, para a imagem e para os sons dos tiros, fechando seu campo de presença por um brevíssimo instante. Podemos, desse modo, afirmar que a memória aparece para o narrador, nesse momento, como algo que tem certo impacto. Não estamos diante de um acontecimento, tal como descrito por Zilberberg (2007), mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que houve aumento da tonicidade e da aceleração, bem como redução da espacialidade e da temporalidade, e ainda que a lembrança adentrou o campo de presença do narrador ao modo do sobrevir.

Ao comentar a respeito dos modos de existência, Zilberberg (2007) já aponta a possibilidade de a reminiscência ser projetada num campo de presença. Quando um acontecimento é potencializado, ou seja, perde em densidade de presença e ganha em duração, adentra a memória do sujeito. Conforme o evento vai sendo esquecido, passa ao modo da virtualização. No entanto, algum elemento presente pode suscitar aquela lembrança antiga (ou o que se acredita ser uma lembrança), que retorna ao campo de presença como falta (atualização), podendo ainda realizar-se novamente por meio da escritura.

Enfim, se a potencialização está relacionada à memorização, a virtualização será a figura inversa e correspondente ao esquecimento, que pode ser absoluto ou relativo. Geralmente, é em função da intercessão de outrem que a própria virtualização chega

⁵É importante esclarecer que estamos falando aqui do corpo do ator da narração, uma vez que o actante narrador se reveste semanticamente.

ao campo de presença, mas o sobrevir, através da figura da reminiscência pode, como se lê em Rousseau e em Proust, projetar a reminiscência num campo de presença. (Zilberberg, 2007, p. 23)

Até aqui observamos a interação do “eu” do passado (o menino, o adolescente) com o mundo narrado, e ainda do narrador com a memória. Resta tratarmos do enunciador e do modo como se relaciona com o próprio enunciado, bem como dos efeitos do texto sobre o enunciatário. Se no fragmento do livro de Saramago que acabamos de comentar, a lembrança sobrevem ao *aqui e agora* do narrador como um pequeno acontecimento, não podemos fazer a mesma afirmação com relação ao sujeito da enunciação (formado por enunciador e enunciatário). A organização textual favorece a legibilidade do excerto citado, não há lacunas a serem completadas. Tudo está bem explicado, por meio de uma linguagem que não fragmenta a sintaxe ou a semântica. Cria-se, desse modo, o efeito de que o mundo apresentado já estava pronto antes da enunciação autobiográfica. Esse efeito é ainda mais pungente quando o narrador recupera a cronologia de suas escolas:

Rigorosamente, a cronologia dos meus escassos estudos é a seguinte: entrei para o liceu em 1933, ainda com dez anos (as aulas começavam em Outubro e o meu aniversário é em Novembro), estive lá nos anos lectivos de 1933-1934 e 1934-1935, e fui para a Afonso Domingues quando ia fazer treze anos. (Saramago, 2006, p. 45)

Nessa passagem, não encontramos muitos elementos que poderiam produzir uma relação mais sensível do sujeito da enunciação com o texto, como o uso de léxico que expressa emoção ou sensações, ou ainda rupturas dadas pelo emprego mais poético, e talvez menos “utilitário”, da pontuação, entre outros elementos. Pelo contrário, o que se nota é o uso dos tempos do sistema enuncivo pretérito, que distancia o passado do presente da narração e da enunciação, e ainda a inserção de cronônimos e topônimos que ancoram os eventos num discurso social partilhado e conhecido.

A partir disso, podemos dizer que alguns trechos de *As pequenas memórias* (2006) favorecem o que definimos como a *memória do acontecido* (Barros, 2016), que mantém a distinção entre os campos de presença do ator do narrado, do narrador e do enunciador, bem como entre os espaços e os tempos nos quais se inserem. O enunciatário é, nesses casos, manipulado por meio de estratégias mais da ordem do inteligível, que não geram qualquer estranhamento ou surpresa, uma vez que a memória, conforme já dissemos, produz efeito de acabamento, como se já estivesse completa antes mesmo de ser enunciada.

Há, no entanto, passagens em que encontramos o movimento contrário, como quando o narrador fala sobre o avô.

Mas a imagem que não me larga nesta hora de melancolia é a do velho que avança sob a chuva, obstinado, silencioso, como quem cumpre um destino que nada poderá modificar. A não ser a morte. Este velho, que quase toco com a mão, não sabe como irá morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes de seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer. (Saramago, 2006, p. 120)

O narrador mostra-se aqui evocando o avô, mas não voluntariamente, pois é a imagem do passado que o apreende. Ao sentir-se melancólico, vem-lhe à lembrança a obstinação do avô, limitada apenas pela morte. Por meio de uma embreagem que utiliza o sistema enunciativo no lugar do enuncivo (“avança”; “sabe” etc.) (Fiorin, 1996), o discurso não apenas aproxima o passado da narração, como também nos leva, como leitores, a perguntarmo-nos se quem está vendo o avô avançar sob a chuva é o narrador adulto, o menino ou mesmo o enunciador (identificado nas autobiografias ao narrador). Nesse sentido, é como se os campos de presença dessas três instâncias chegassem, por alguns instantes, quase a se sobrepor, permitindo a afinidade perceptiva. Isso é reforçado pela semântica, pois o narrador mostra que sente corporalmente a presença da memória ao utilizar a expressão “não me larga” e ainda ao mencionar a possibilidade de quase “tocar” o avô com a mão. Assim, essa imagem, até certo ponto tônica e sobre a qual se fecha o campo de presença do menino, do narrador e do enunciador, pode ser aproximada da ideia de acontecimento, ainda que não atinja um grau de impacto e de aceleração tão exacerbados.

É interessante notar também que o fragmento em questão, extraído das páginas finais do livro, parece reencontrar o seu início, quando o narrador afirma que, para a criança, importava aquilo em que ela podia tocar. Logo, o narrador parece ter recuperado ao longo da narrativa algo da percepção infantil, o que lhe parecia da ordem do irrealizável no início do texto:

Olho de cima da ribanceira a corrente que mal se move, a água quase estagnada, e absurdamente imagino que tudo voltaria a ser o que foi se nela pudesse voltar a mergulhar a minha nudez da infância, se pudesse retomar nas mãos que tenho hoje a longa e úmida vara ou os sonoros remos de antanho, e impelir, sobre a lisa pele da água, o barco rústico que conduziu até às fronteiras do sonho um certo ser que fui e que deixei encalhado algures no tempo. (Saramago, 2006, p. 15)

Em passagens como a que comentamos, a própria memória parece configurar-se como sendo mais da ordem do *acontecimento*, pois funciona como um fragmento de lembrança que instaura uma fratura no presente do sujeito. E, conforme acreditamos ter mostrado, não é apenas para o narrador que ela se faz impacto, arroubo, pois é como se também a criança e o enunciador estivessem vendo e “quase” tocando esse avô. O enunciatário sente alguma dificuldade em localizar no tempo e no espaço a cena descrita, não somente pela ausência de topônimos e cronônimos, mas também por sua incompletude, não sabemos muito bem o que o avô está fazendo ali, o que há exatamente em torno dele, o que ocorreu antes ou depois do momento descrito. Além disso, o enunciatário não identifica com nitidez se a cena é construída a partir da percepção do menino, do narrador ou do enunciador. Quem está vendo a cena? Temos, portanto, aí o que concebemos como *memória-acontecimento*, que parece fundir (ou ao menos aproximar) essas três instâncias (ao contrário da memória do acontecido que promove a descompactação e o desdobramento), desestabilizando o enunciatário e capturando-o por meio do sensível. Mais uma vez não estamos diante do máximo impacto sensível, mas identificamos no texto de Saramago um aumento importante da intensidade que se correlaciona ao fechamento da extensidade.

3 Algumas considerações finais

Ao comentar a escolha do título, o narrador de *As pequenas memórias* (2006) mostra o que há de comum e talvez ao mesmo tempo de grandioso na experiência de toda e qualquer pessoa, especialmente na infância. Por fim, afirma: “Nada de importante dir-se-á. Terá sido então por essa razão que este livro mudou de nome e passou a chamar-se *As pequenas memórias*. Sim, as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente” (Saramago, 2006, p. 32). Há diversas formas, portanto, de compreender o título, uma delas, a que propomos, parte de uma leitura tensiva, uma vez que o adjetivo “pequenas” pode ser entendido também como um indicador de tonicidade. E, de fato, estamos diante de uma obra que parece se desenvolver longe dos extremos.

São raros, por exemplo, os momentos que de fato apresentam o que se configura como memória do acontecido. São poucas as datas, os endereços, os nomes completos e, quando aparecem, o narrador, geralmente, trata de dizer que não tem qualquer certeza sobre eles. Não há sequência cronológica; as lembranças puxam umas às outras, como é mesmo próprio do funcionamento da memória. Abundam as embregens que presentificam o passado e é recorrente o léxico que diz respeito ao sensorial ou ao passional. O enunciador ainda diz repetidamente que não sabe se está inventando certas partes da história. Desse modo, o enunciatário passa boa parte da obra sem conseguir localizar *com precisão* onde e quando os fatos se deram, em que ordem, ou o que é ou não invenção. Os momentos em que a intensidade se aproxima do nulo são, portanto, poucos e pontuais, um deles encontra-se no trecho, já comentado, em que o narrador faz sua cronologia escolar.

Poderíamos supor, então, que estamos diante de um livro autobiográfico que mantém frente ao leitor a tonicidade e a aceleração extremas, próprias da memória-acontecimento (Barros, 2016). Também não é o que ocorre. Há, com certeza, momentos em que podemos identificar a memória-acontecimento, são aqueles em que o enunciatário parece ver a memória em ato de fazer aparecer e desaparecer o passado, como se todo o universo narrado se criasse no *aquí e agora* da enunciação. Corroboram esse efeito a relação associativa que está na base da organização de boa parte do livro, sua construção fragmentária, entre outros elementos: é como se cada uma das breves narrativas do livro constituísse uma lembrança que vem à tona conforme o narrador (identificado ao enunciador) vai recordando o passado. No entanto, o que prevalece na obra são as *pequenas* memórias-acontecimentos, que podem inclusive durar mais, por serem menos intensas. Nem sempre ocorre a fusão dos campos de presença do enunciador, do narrador e do ator do narrado, às vezes há apenas maior proximidade. Nem sempre o texto se torna de tal modo lacunar que o enunciatário tem dificuldade de compreender o que está sendo narrado. De certa forma, a passagem que selecionamos para tratar da memória-acontecimento, aquela em que o narrador relembra seu avô, já aponta para isso. Ao compará-la ao que ocorre em outras obras autobiográficas, como no capítulo “Um cinturão”, que está no livro *Infância* (2003 [1945]), de Graciliano Ramos, torna-se perceptível que, em Saramago, a legibilidade permanece, ainda que baixa, em quase toda a obra⁶.

⁶Em Barros (2016), há uma análise da obra *Infância* (2003 [1945]) que possibilita verificar a

Assim, podemos afirmar que, para a análise dos discursos autobiográficos, não interessam apenas os extremos, sempre mais raros, constituídos pela memória do acontecido e a memória-acontecimento, mas todo o intervalo entre elas, suas possibilidades de gradação e de combinação diversas. É isso que permite observar as *pequenas* variações da percepção e da memória, que caracterizam cada sujeito e cada obra. ●

Referências

- BARROS, Mariana Luz Pessoa de. A memória do acontecido e a memória-acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos. *Revista Alfa*, São Paulo, 60 (2), 2016, p. 355-383.
- BORGES, Jorge Luis. “Funes, o memorioso”. IN: BORGES, J. L. *Obras completas I*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 1999 [1944], p. 539-546.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001 [1998].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 2008 [1979].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (orgs.). *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Paris: Hachette, 1986.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003 [1945].
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê, 2011 [2006].
- ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p.13-28, 2007.

maneira como se constrói a memória-acontecimento de forma plena, uma vez que, nesse livro de Graciliano Ramos, encontramos diversas passagens em que o texto é experienciado como acontecimento pelo enunciatário, o que significa que perde em legibilidade e ganha em impacto sensível.

Dados para indexação em língua estrangeira

Barros, Mariana Luz Pessoa de
Little semiotics of memory
Estudos Semióticos, vol. 15, Edição Especial (2019)
ISSN 1980-4016

Abstract: *Based on the tensive grammar proposed by Jacques Fontanille and Claude Zilberberg, the article focuses on the theoretical contributions of presence field and event concepts for the study of autobiographical discourses. For this purpose, we observe the connections between memory and perception in José Saramago's book *As pequenas memórias* (2006). The notions of memory of the past and event memory, developed in previous works, are useful to explain the gradations of the work impact on the enunciatee (presupposed reader). While the memory of the past privileges the legibility of the text, producing the effect of detachment and comfort on the enunciatee; the event-memory captures him by impact.*

Keywords: *tensive grammar; presence field; memory; autobiographical discourses.*

Como citar este artigo

Barros, Mariana Luz Pessoa de. Pequena semiótica da memória. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: < www.revistas.usp.br/esse >. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 122-135. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 21/02/2019

Data de aprovação do artigo: 05/03/2019
